

Um balanço quanto ao Conflito em Nagorno-Karabakh: duas lições para o Presente e o Futuro do Brasil

Márcio Fernandes

O PANORAMA

Muito já se falou sobre o desenrolar e a conclusão do mais recente conflito entre Armênia e Azerbaijão pelo controle da região de Nagorno-Karabakh, cuja escalada se iniciou por volta do último 27 de setembro. Análises e coberturas jornalísticas muito completas deram destaque à combinação explosiva de ingredientes que insiste em reavivar este conflito ao longo dos últimos 30 anos, desde o fim da URSS. Temos ali territórios historicamente ocupados por nacionalidades antagônicas do ponto de vista cultural-religioso e ainda submetidas à influência de Moscou, fronteiras discutidas, debilidade das principais instituições multilaterais.

O saldo desta última etapa do conflito - já antecipado por nós em relatório a clientes do último dia 26/10 - ficou claro após assinatura de cessar-fogo definitivo na madrugada entre os dias 9 e 10 de novembro. O acordo, assinado pela Armênia, pelo Azerbaijão e pela Rússia, pôs fim às hostilidades militares por meio de um reconhecimento tácito da incapacidade das forças armênicas em impedir a evolução das conquistas territoriais empreendidas pelo lado azerbaijano. Para evitar a ocupação de mais territórios pelas forças azeris

- incluindo a cidade de Stepanakert, capital oficial do enclave de Nagorno-Karabakh e ainda sob controle armênio -, Erevã reconheceu a consolidação das conquistas territoriais azerbaijanas na região. Setores importantes do Alto Karabakh passarão agora ao controle do Azerbaijão, notadamente a região de Lachin e a estrada que dá acesso ao território armênio, bem como o distrito oriental de Agdam, com extensões de terreno inclusive fora da zona do Karabakh. O tratado porá fim a cerca de 25 anos de controle da Armênia sobre regiões internacionalmente reconhecidas como de soberania azerbaijana (e reivindicadas por Baku desde o fim da URSS), mas que têm sido historicamente habitadas por populações de origem armênia. O contexto certamente provocará expressivo deslocamento de pessoas.

Segundo as partes, os termos do acordo serão garantidos pela retirada das tropas armênias dos territórios conquistados pelo Azerbaijão e pela transferência para a região de um expressivo contingente militar russo que ali ficará estacionado por cerca de 5 anos fazendo as vezes de "força de paz". Serão 1.960 militares russos, 90 blindados, 380 veículos de transporte e equipes especiais posicionadas a partir da cidade Stepanakert para, numa primeira visão, estabilizar um conflito que deixou mais de 5.000 mortos de ambos os lados e que provocou o deslocamento de mais de 90% da população armênia que já vivia na região. Porém, em olhar de mais profundidade, sabe-se que a presença russa tem como objetivo manter a influência hegemônica de Moscou no Sul do Cáucaso. Na perspectiva russa, isso se mostrou imperioso graças à rápida investida turca para ampliar ganhos estratégicos naquela região, garantindo apoio diplomático e militar à campanha bélica empreendida pelo Azerbaijão. E este é um dos pontos - pouco explorado pela grande imprensa - sobre os quais precisamos falar.

Apesar da exaustiva descrição de panoramas feita por analistas e especialistas no tema, o conflito naquela região do Cáucaso ainda pode nos dar lições sobre o que vem ocorrendo – e o que poderá ocorrer – no mundo neste princípio de século. Estas lições nos dão uma pista do porquê o presente cessar-fogo não sinalizará tendência para a estabilização permanente da região.

1ª LIÇÃO: AINDA EXISTIRÁ UMA DISPUTA POR GANHOS GEOPOLÍTICOS MARGINAIS NA REGIÃO

A *Primeira Lição* diz respeito ao desdobramento de dinâmicas locais por disputa de influência regional que tem sido ignorada pela maior parte dos analistas. Atualmente, ocorre na região euroasiática uma busca generalizada de potências regionais por incrementarem seus ganhos geopolíticos marginais em espaços até então dominados pelas grandes potências. Esta dinâmica, cujo modelo de ação foi desenhado a partir de Moscou, garantiu a recuperação do *status* de potência transcontinental à Rússia de Putin. No presente, ela tem prejudicado especialmente os EUA que, nos últimos anos, reduziu parcialmente sua prioridade sobre certas regiões do Oriente Próximo (seja porque os EUA conquistaram alguma autonomia energética frente à região, seja porque tem sido custoso manter 100% de vigilância sobre as dinâmicas locais de reposicionamento geopolítico, seja devido à crise pela qual passa a imagem de Washington como parceiro confiável naquela parte do mundo). Os reposicionamentos da Rússia na Europa do Leste e no contexto sírio, da Turquia no Norte da África/Líbia/Levante e do Irã em seu próprio entorno estratégico são exemplos disso. É uma arte sofisticada de dar pequenos empurrões em um paquiderme perigoso (os EUA), tomando seu espaço com pequenos beliscões (e aceitando certas trombadas) ao mesmo tempo em que se evita que esse animal perca o controle e pisoteie o terreno mais do que se deseja. Trata-se de fenômeno que chamo de “Estratégia de Ganhos Geopolíticos Marginais das Médias Potências”. Os EUA demoraram para percebê-la. Em sua política exterior imediatista e pragmática, Washington vinha limitando-se a continuar suas ações de *carpet bombing* sobre determinados regimes (como no Iraque e na Líbia) sem perceber que estavam limpando o terreno para outros oponentes que, apesar de menos poderosos, possuíam maior fôlego.

Como mencionado, esse é um jogo jogado pela Rússia já há certo tempo, mas que outras potências locais perceberam como viável e que, por isso, também têm praticado. No caso de Nagorno-Karabakh, um antigo conflito – até então de fôlego limitado e de expressão apenas local – foi alimentado pelas pretensões de “ganhos geopolíticos marginais” da Turquia frente a regiões submetidas à influência russa. Interessada em ampliar suas

alianças de projeção estratégica sobre uma região de grande relevância para a distribuição de recursos energéticos, Ancara reavivou uma aliança antiga com o Azerbaijão. Por meio dela, proveu Baku de capacidades técnicas, apoio diplomático, materiais bélicos incomuns para a região e de uma nova doutrina para o emprego de novas tecnologias no campo militar - como o uso de drones de ataque - que foram definidores para a vantagem azeri no conflito contra a Armênia. A velocidade das conquistas, inclusive, impediu o planejamento de uma ação estabilizadora imediata por parte da Rússia. Nestes quesitos, é importante lembrar que o Azerbaijão contou com uma expressiva e eficiente logística de reposição de drones abatidos em ritmo que não pôde ser suportado pelas tropas armênias, além de ter recebido apoio de mercenários vindos do Levante e que tiveram importante intermediação financeira do governo turco. A Turquia também se beneficiou da situação de relativo comprometimento que Moscou mantinha tanto com a Armênia quanto com o Azerbaijão tendo em vista a função russa de agente estabilizador e provedor de produtos de Defesa para ambos os países.

De qualquer modo, entendendo bem os princípios desta doutrina de "ganhos geopolíticos marginais" e fazendo sua leitura de situação a tempo, a Rússia conseguiu reagir em meio ao conflito, conduzindo negociações tendentes a restabilizar momentaneamente a conjuntura, ainda que em contexto de reposicionamento das forças locais. Ao se impor como fiador militar dos dispositivos do novo acordo de cessar-fogo, Moscou obteve a garantia de que continua exercendo as funções de ator de influência preponderante na região, ainda que tenha sofrido discreta perda da confiança por parte da Armênia como aliado privilegiado no Sul do Cáucaso. A Turquia, no entanto, alicerçou sua presença na região com ganhos marginais que oferecem importantes vantagens estratégicas a partir do Azerbaijão. Junto com Baku, foi a grande vitoriosa do conflito. Essa tendência nos dá a percepção de que enquanto houver disputa pelo controle da distribuição energética que passa pela região (travada em boa parte pela Rússia, pelo Irã e cada vez mais pela Turquia), haverá expectativa de instabilidades mais ou menos pontuais nos pequenos Estados caucasianos.

2ª LIÇÃO: CONSOLIDA-SE NOVA DOUTRINA PARA EMPREGO DE DRONES EM SITUAÇÕES DE CONFLITO

A *Segunda Lição* diz respeito a uma discreta – porém sólida – revolução nas táticas militares da guerra moderna. O acompanhamento do conflito pela TV deu uma noção da quantidade de drones de ataque que foram usados especialmente pelas forças do Azerbaijão. Não deixou de ser surpreendente acompanhar imagens de colunas de blindados de 50 toneladas sendo desorganizadas e destruídas por pequenos veículos aéreos controlados de maneira remota a partir de estações climatizadas instaladas em território azerbaijano. Este cenário tem se consolidado e envia um claro alerta: a guerra moderna passará a contar com a presença permanente de drones de ataque armados com mísseis e artefatos guiados por *laser* ou GPS. Foi esse o caso concreto do conflito em Nagorno-Karaback, com o emprego em grandes quantidades pelo Azerbaijão de drones do exitoso modelo *Bayraktar TB2* de fabricação turca. Para além de garantir a segurança de seus operadores e da reduzida estrutura necessária para garantir o lançamento de tais equipamentos, drones de ataque são menos custosos e podem executar uma diversidade de funções – ainda que não todas – usualmente cumpridas pela aviação militar leve. Por exemplo, o modelo Bayraktar turco é vendido por cerca de US\$ 5 milhões em pacote que inclui 6 unidades e respectivas infraestruturas de lançamento. Trata-se de preço três vezes mais baixo do que o cobrado para a aquisição de um *A29-Super Tucano* da Embraer (reconhecido como um dos melhores aviões de ataque leve do mundo).

O emprego destas novas tecnologias em contexto militar obrigará a uma reorganização das infantarias blindadas. Ainda que não desapareçam - pois continuarão muitíssimo importantes -, elas precisarão estar forçosamente integradas a defesas antiaéreas de médio e longo alcances com raios de ação superiores aos 10km. Igualmente relevante, deverão estar adequadas a estratégias de monitoramento anti-drones. Trata-se de uma substancial mudança de doutrina militar que deverá ser assimilada pelos exércitos do mundo nas próximas décadas. E isso será especialmente importante para países classificados como potências regionais de média relevância militar, tendo em vista que o emprego de drones multiuso para a Defesa Nacional tem sido anunciado justamente em contextos locais caracterizados pela presença

de Forças Armadas com necessidades de maximizar o emprego destes equipamentos a partir de dotações orçamentárias relativamente módicas. A própria América do Sul tem sido progressivamente inserida - ainda que discretamente - no contexto global de busca por "ganhos geopolíticos marginais" das médias potências. E, geralmente, tais contextos estão caracterizados pelo reaparelhamento de Forças Armadas locais a partir do auxílio vindo de potências militares extrarregionais. Este é, por exemplo, o cenário sulamericano e, mais especificamente, o do entorno estratégico do Brasil. Trata-se, por consequência, de um momento propício para a retomada de importantes programas estratégicos no âmbito do Exército Brasileiro, como é o caso do Sistema ASTROS 2020, voltado para a dotação da Força Terrestre de capacidade dissuasória extrarregional a partir de um moderno sistema de defesa antiaérea com mísseis e foguetes de saturação de alta mobilidade e de médio e longo alcances, aerotransportáveis, de multicalibre e com suporte logístico integrado por radares.

Inicialmente visto como um evento militar de localização restrita e de importância estratégica local, o último conflito na região de Nagorno-Karabakh possui em si uma série de particularidades que tomam a forma de lições que são importantes para além de seus limites geopolíticos. Trata-se, de certa forma, de anúncio quanto a algumas tendências gerais que influenciarão o contexto geopolítico global em transição e que deverão ser seriamente consideradas por países como o Brasil.

Márcio Fernandes is a political scientist graduated at the University of Brasília and master in Contemporary History, with specialization in Economy and International Relations from the University of Coimbra, Portugal. He also was a scholarship student at the Faculty of Geography and History of the University of Salamanca, Spain. With professional expertise in governmental relations and conjunctural and political analysis, he currently serves in Brasília as political risk analyst specialized in Brazilian Politics, Congressional Action and Geopolitics of the South Atlantic.